

LINGUAGEM E TRABALHO EM UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA: IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Maria Cecília Pérez de SOUZA-E-SILVA¹

Doutora em Linguística Aplicada

Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

LAEL-PUC-SP/CNPq

RESUMO: Este artigo tem por objetivo articular as relações entre linguagem e trabalho, mobilizando o quadro teórico-metodológico da análise do discurso de tradição francesa, mais especificamente as contribuições de Dominique Maingueneau, que, desde *Genèses du discours* (1984), obra fundadora, vem operando, em seus trabalhos, com a concepção de discurso como prática discursiva, um sistema de coerções semânticas indissociável de práticas sócio-históricas. Complementarmente, recorrer-se-á a noções propostas pela abordagem ergológica, tal como vem sendo formalizada pelo filósofo Yves Schwartz (1992), cujo objeto de estudo está direcionado para a atividade humana de trabalho. A intersecção entre as duas perspectivas é evocada na última parte do artigo.

Palavras-chave: Análise do discurso de tradição francesa; Abordagem ergológica; Linguagem e trabalho.

Introdução

Este artigo tem por objetivo articular as relações entre linguagem e trabalho, mobilizando a Análise do discurso de tradição francesa, mais especificamente as contribuições de Dominique Maingueneau, e a Ergologia, tal como desenvolvida por Yves Schwartz, abordagem pluridisciplinar que tem como objeto de estudo a atividade humana de trabalho.

A interrelação estudos discursivos e estudos ergológicos caracteriza duas linhas de pesquisa desenvolvidas pelo grupo Atelier Linguagem e Trabalho (PUC-SP/CNPq). A primeira, visa a articular princípios teórico-metodológicos necessários para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção e interpretação de textos que circulam em diferentes campos e esferas de atividade. A segunda, se propõe a estudar discursos sobre, no e como trabalho, buscando compreender a ‘atividade de trabalho’ por trás do ‘trabalho’, o que implica partir, entre outros, do princípio segundo o qual as questões do trabalho não se revelam apenas no nível macro.

Perspectiva discursiva

¹ Endereços eletrônicos: ceciliael@puccsp.br e cecilinh@uol.com.br.

Dominique Maingueneau, autor bastante conhecido pelo público brasileiro, tem uma obra vasta e variada, que pode ser classificada de mais de uma maneira. Em livro em sua homenagem, que contém artigos de pesquisadores de diferentes nacionalidades, os organizadores Angermuller e Philippe (2015) agruparam-na em três conjuntos: *L'analyse du discours: histoire, objets, limites*; *Scène d'énonciation et dispositifs scénographiques*; *Genres discursifs et protocoles énonciatifs*. Classificação mais recente, também dividida em três blocos, traz outro agrupamento: projetos de análise de *corpus* extensos; projetos que privilegiam um texto ou as frases sem texto, e, ainda, questões e soluções propostas para o que se poderia chamar de “funcionamento das discursividades” (POSSENTI, 2019²).

De minha parte, recupero, de início, mesmo que em linhas gerais, sua obra fundadora, *Genèses du discours* (1984), na qual o autor postula um novo objeto teórico para a Análise do discurso, o interdiscurso, concebido como um primado, isto é, como aquilo que existe antes da determinação de cada identidade discursiva; propõe, ainda, o tratamento do discurso a partir de um sistema de restrições/coerções semânticas globais, segundo a qual os discursos não têm um centro específico, mas planos diversos que produzem dinâmica e integradamente os sentidos. São essas as duas noções, que dão sustentação ao livro; as demais, competência interdiscursiva, interincompreensão, prática discursiva e prática intersemiótica, decorrem desses fundamentos. Explicando melhor, o autor propõe depreender o modo de coesão dos discursos, analisando-os em relação a um campo discursivo e estende o sistema de coerções a outros tipos de *corpora* de diferentes semioses, ampliando assim o escopo da interdiscursividade. A concepção de que todos os planos da discursividade são sistematizados/regrados por um mesmo sistema de coerções implica que a análise dos diferentes planos não precisa ser efetuada por etapas, isto é, possibilita uma alternância e uma implicação entre eles. A competência interdiscursiva supõe que o enunciador de um discurso seja capaz de produzir e reconhecer textos compatíveis com o posicionamento em que se inscreve, bem como de reconhecer a incompatibilidade semântica dos textos nos quais o posicionamento de seu Outro se constitui. Finalmente, o entendimento de que discurso e instituições também se articulam por meio de um mesmo sistema de coerções semânticas, permite depreender que as práticas sociais das comunidades discursivas podem ser tomadas como material para uma análise do discurso.

² Anotações que circularam quando da proposta de realização do VIII Seminário Cenas da Enunciação, Instituto de Linguagens/Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

Desdobramentos de princípios explicitados pelo autor nessa obra têm dado origem e sustentação a uma série de noções articuladas, como a de ritos genéticos, ethos, frases “sem texto”, destacabilidade, participação, cena de enunciação, discursos constituintes (MAINGUENEAU, 2008; 2010; 2014; 2015). A noção de *ritos genéticos* permite entender a inseparabilidade entre os discursos e o funcionamento dos grupos que gerem esses discursos, principalmente, se recuperarmos a metáfora referente ao curso de um rio, sua nascente e foz: a maneira pela qual um texto é *produzido* e a maneira pela qual é *consumido e difundido* estão intimamente ligadas. De um discurso a outro, há uma mudança na zona que fica “acima” da enunciação propriamente dita, isto é, em seus *ritos genéticos*, expressão cunhada pelo autor para se referir ao “conjunto de atos realizados por um sujeito em vias de produzir um enunciado” (MAINGUENEAU, 1984, p. 132). Também os modos de difusão e de consumo, isto é, a foz discursiva, precisam ser considerados: não se pode estabelecer uma exterioridade entre esse aspecto e o próprio conteúdo. “Trata-se de práticas frequentemente mal conhecidas, pouco estudadas ou não postas em relação com o dito e o dizer dos discursos envolvidos” (MAINGUENEAU, 1984, p. 134). O modo de difusão está intimamente relacionado ao modo de consumo do discurso, isto é, com o que se “faz” dos textos, como eles são lidos, manipulados.

A noção de ritos genéticos, mais abrangente que a de “pré-texto”, isto é, rascunhos e documentos escritos, inclui também comportamentos não escriturais, como viagens e meditações, enfim, um conjunto de ações de preparo, diretamente envolvidas com uma dada produção escrita. Posteriormente retomada pelo autor, a noção de ritos insere-se no quadro amplo de estudos voltados para a observação da produção intelectual e artística. Segue, nessa esteira, a obra *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*, de Salgado (2011), um estudo discursivo do funcionamento do mercado editorial e das problemáticas discursivas, comunicacionais e culturais que se põem nesse estudo. Seguem, também nessa esteira, análises dos discursos que circulam em situação de trabalho (SOUZA-E-SILVA, 2017).

Em uma de suas obras mais recentes, Maingueneau (2014) discute a problemática das chamadas *Frases sem texto*, propriedade que têm certas frases de circularem independentemente de seus textos e de seus “contextos” de origem, em decorrência de um conjunto de propriedades formais e de sentido: apresentam-se como autônomas de um ponto de vista textual (não há necessidade de considerar o que os precede e o que os segue para compreendê-los) e enunciativo (generalizações que, frequentemente, ocupam uma posição saliente). Vários enunciados destacados não o são por acaso; com efeito, no texto do qual são

extraídos, eles já se apresentam como fragmentos sobreasseverados, destacáveis, isto é, destinados a circular fora de seu texto de origem. “Sem texto” indica o final de um processo que vai da destacabilidade ao destacamento de enunciados. Tais frases, que adquirem o estatuto de *aforizações*, podem ser agrupadas, segundo seu funcionamento, em dois conjuntos: aforizações primárias e aforizações secundárias.

As primárias abrangem os provérbios, as máximas heroicas, as fórmulas filosóficas, os adágios jurídicos etc. As secundárias resultam do destacamento de um texto e da inserção em um novo texto e caracterizam, principalmente, os discursos da atualidade midiática e política. A contribuição mais relevante da proposta de Maingueneau é a oposição *enunciação textualizante/enunciação aforizante*; a primeira, com a qual já estamos há muito familiarizados, segue a lógica dos textos e dos gêneros de discurso; a enunciação aforizante, dado um conjunto de características quanto ao significante e ao significado, mantém com o texto uma relação tensa culminando em um processo de destextualização.

Enquanto a grande maioria das aforizações secundárias desaparece assim que são destacadas, algumas entram em uma memória coletiva, disponíveis para um reemprego. Trata-se de aforizações candidatas à *participação*, palavra-valise (participação + citação), característica dos enunciados sem menção do autor; diferem, portanto, da citação prototípica pelo seu caráter autônomo e por seu pertencimento ao que se poderia denominar um *Thesaurus*; somam-se, assim, às aforizações primárias, destinadas a serem retomadas no interior de uma comunidade. Entre as participações, algumas circulam em comunidades amplas, como os provérbios, adágios jurídicos, *Thesaurus* bíblico; outras em comunidades restritas, como as participações de grupo, aí incluídos os gritos de torcida, que permitem reforçar a coesão de uma coletividade, opondo-as a um exterior ameaçador, ou as participações de comunhão, que não privilegiam a fronteira da comunidade com o exterior, mas sim a fusão entre os elementos do grupo, como a oração de diferentes religiões (MAINGUENEAU, 2008; 2014).

Qualquer que seja a visada pela qual se olha a obra de Maingueneau, adentramos pelo espaço da enunciação, enunciação regulada por condições sócio-históricas, cujo funcionamento pode ser explicado levando em conta duas instâncias, que se afetam mutuamente, a materialidade do discurso e suas condições de produção. Não por acaso, o autor situa no centro de sua abordagem de textos a construção da cena de enunciação. Reconhecendo no gênero uma categoria relevante, porque emblemática de uma abordagem que visa a relacionar as palavras aos lugares que elas tornam possíveis e que as tornam

possíveis, o gênero não é suficiente para dar acesso ao sentido da atividade enunciativa. Propõe, então, a noção de *cena da enunciação*, distinguindo aí três componentes: a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia*. A *cena englobante* corresponde ao que se compreende por campo ou tipo de discurso, mas essa cena não é suficiente para especificar as atividades verbais, dado que os falantes não são confrontados com campos, como a literatura, a política, a filosofia, mas com os gêneros de discurso, com *cenos genéricas*, submetidas a um conjunto de condições de êxito que determinam suas finalidades, os papéis dos participantes, um lugar apropriado, um certo modo de inscrição na temporalidade, o suporte, um plano de texto e um certo uso de língua. As coerções constitutivas da *cena genérica* não podem, contudo, capturar a singularidade de um texto. Distinta das coordenadas que definem as circunstâncias de produção do discurso, a *cenografia* implica a construção de uma certa posição dos coenunciadores, de uma topografia e uma cronografia, e se apoia na ideia de que o enunciador deve desenvolver, por meio de sua enunciação, a situação a partir da qual ele pretende enunciar. Todo discurso pretende convencer, fazendo reconhecer a cena de enunciação que ele impõe e por intermédio da qual se legitima.

Contribuição importante, mas menos operacionalizada entre os pesquisadores brasileiros, encontra-se na proposta do autor a respeito do funcionamento da autoria no campo literário; funcionamento esse que se dá no atravessamento de três instâncias: *pessoa* (eu, indivíduo dotado de estado civil, vida privada), *escritor* (ator que define uma trajetória em determinada instituição) e *inscritor* (formas de subjetividade enunciativa implicadas no texto e no gênero do discurso. Analisar a prática discursiva de um autor, verificando de que maneira as instâncias de *pessoa*, do *escritor* e do *inscritor* se misturam, se apagam, se inter-relacionam em suas produções (MUSSALIM, 2018) pode ser estendida também para as relações de trabalho; no seu cotidiano profissional, as pessoas vivem; enunciam no campo em que atuam, seja em instituições hospitalares, empresariais ou escolares, seja mesmo em atividades não reconhecidas oficialmente, como a dos vendedores ambulantes (REQUENA, 2009).

Perspectiva ergológica

A proposta de colocar em diálogo estudos discursivos e ergológicos remonta, na França, à década de oitenta quando começaram a ser desenvolvidas pesquisas tendo como objeto de estudo a atividade de trabalho. Destacam-se, nesse contexto, os grupos *Langage et*

Travail (L&T) e *Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail (APST)*³, compostos por pesquisadores de diferentes áreas, com o objetivo de compreender as mudanças em curso nas atividades econômicas (“mutações tecnológicas”, transformações das maneiras de produzir, redimensionamento das proporções entre as categorias da população ativa...) e seus desdobramentos no cotidiano dos trabalhadores. Proposta inovadora que implica a cooperação entre, de um lado, os diversos saberes acadêmicos instituídos pelos pesquisadores voltados para o trabalho e, de outro, as experiências, saberes, valores, investidos pelos protagonistas dessas atividades, os atores sociais, em seu cotidiano de trabalho.

Trata-se de colocar em debate os conhecimentos das disciplinas acadêmicas entre si e de confrontá-las com aquilo que dizem os trabalhadores sobre a maneira pela qual eles exercem sua atividade. A abordagem acerca da atividade humana do trabalho supõe essa troca constantemente renovada entre pesquisadores, estudantes e atores sociais. O conceito de atividade, portanto, “por mais enigmático que seja e o retrabalho que exija, é, sem dúvida nenhuma, o elemento dinâmico de convergência dessas cooperações pluridisciplinares e pluriprofissionais” (SCHWARTZ, 2010, p. 21).

A Ergologia apresenta-se, então, como um dos modos de reflexão referentes à produção de conhecimentos sobre todas as atividades humanas socializadas e, portanto, suscetível de abranger as diferentes disciplinas acadêmicas que a tomam por objeto, considerando dois princípios fundadores que permitem estudá-las do “ponto de vista da atividade”: a atividade é sempre o lugar de um “debate de normas” e nesse debate de normas, na “renormalização das normas antecedentes”, saberes e valores são produzidos sobre a própria atividade, isto é, os saberes baseados na experiência e postos em diálogo com aqueles provenientes das normas.

O encontro entre normas, renormalizações e debate de valores é um dos modos ao qual Schwartz recorre para explicitar sua concepção de atividade de trabalho. As normas antecedentes enquadram, antecipam, predeterminam as atividades a serem realizadas e apresentam-se como uma combinação de conquistas e riscos, tanto facilitadoras quanto opressoras da vida social. Facilitadoras porque tendem a unificar os coletivos de trabalho, a tornar possível a vida em conjunto, conforme evocamos no último item deste texto; opressoras, quando consideradas como um fim em si, como um poder de antecipação

³ O contato com as pesquisas desses dois grupos ensejou, no fim da década de noventa, um convênio de cooperação internacional Capes-Cofecub, sediado no LAEL/ PUC-SP e no APST/Aix-Marseille Université, no bojo do qual teve origem o grupo Atelier Linguagem e Trabalho.

absoluto, como uma tentativa de simplificar a atividade humana. Tentativas como essa foram observadas em pesquisas realizadas por nosso Grupo em empresas de telemarketing, cujas falas, baseadas em scripts, eram controladas por supervisores (ALGODOAL, 2002; SOUZA E SILVA; ROCHA, 1999), e em uma seguradora, cujo atendimento, simultaneamente por chat e telefone, implicava uma sobrecarga emocional aos envolvidos (ANJOS, 2011). Julgar a qualidade dos serviços de tais agentes, a partir de um número de comunicações tratadas por unidades de tempo e por estruturas linguísticas pré-formatadas, significa suscitar nesses/as operadores/as a vontade, às vezes obrigação, de “driblar” o/a cliente, ou o/a supervisor/a.

Por outro lado, a ausência de normas, situação observada em um pronto-socorro da periferia, que exige atendimento emergencial (OLIVEIRA, 2009), deixou claro que diante de um vazio regulamentar, diante de casos particularmente complicados, cada uma das enfermeiras trata esses vazios de normas recorrendo a um universo de recursos pessoais, hierarquizado por seu conjunto de valores no momento. A necessidade de recriar as normas, de “renormalizar”, reforça a impossível estandartização do agir (SCHWARTZ, 2011, p. 138-139).

Três proposições, segundo a Ergologia, caracterizam a atividade humana em geral e a de trabalho em particular. De acordo com a primeira, a distância entre as normas, as prescrições e a atividade realizada é universal. Essa distância se explica em decorrência da variabilidade das situações de trabalho e também do que significa viver no trabalho para cada indivíduo. Qualquer que seja a situação, haverá sempre uma distância entre o que se pensa acerca do trabalho (seja o que outros pensam, seja o que nós mesmos pensamos) e a realidade desse trabalho. A segunda proposição – é impossível prever essa distância, dado que ela é sempre parcialmente ressingularizada; conhecê-la, ao menos em parte, implica ir a campo e estar atento às verbalizações e aos escritos do trabalho. Finalmente, a terceira proposição traz a questão do debate de valores na atividade de trabalho. A racionalidade de normas que antecipam todo agir social não dissipa nem torna inútil a obrigação feita a cada trabalhador/a de repensar, no seu íntimo, suas escolhas na vida e no trabalho, de se situar, de uma maneira ou de outra, em um mundo de valores. Há “debate de normas” e “debate de valores” no interior da menor atividade de trabalho, a mais ínfima. Esses debates são, ao mesmo tempo, debates de valores consigo mesmo e de ordem social (SCHWARTZ, 2010, p. 42-43).

Tais proposições implicam dizer, ainda calcada em Schwartz (2011), que a atividade de trabalho no essencial não se vê. Sua avaliação apenas pelos “resultados”, puramente quantitativa, encobre as renormalizações, inseparáveis de certos valores de vida e de saúde.

Intersecção entre as duas perspectivas

O desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação tem possibilitado o surgimento e a multiplicação de novas práticas e comunidades discursivas, entre elas aquelas designadas sob uma rubrica ampla, Coletivos, como o *Nós, mulheres da periferia*, um grupo de comunicadoras, formado via website e mídias sociais, com o objetivo de chamar a atenção para a invisibilidade e os direitos não atendidos das mulheres, em sua maioria negras, que moram em bairros da periferia de São Paulo: “Informar e divulgar ações, criar um canal de diálogo sobre *mulheres da periferia* e colocar o tema em discussão. Queremos dar voz e nos ver sentir representadas”⁴.

Chamar a si o papel de promover a representatividade do Coletivo resultou na elaboração de um *Manifesto*⁵, que marca o posicionamento do grupo, e na proposta de ultrapassar o muro das atividades de trabalho *on-line* e ir a campo, proposta viabilizada por meio do projeto *Desconstruindo estereótipos: #eumulherdaperiferia*, submetido e contemplado por edital lançado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, por meio do Programa VAI – Valorização de Iniciativas Culturais, que subsidia atividades artístico-culturais em regiões desprovidas de recursos materiais e espera como retorno a geração de produtos culturais a serem revertidos às próprias comunidades. O objeto proposto pelo *Nós, mulheres da periferia* foi a realização de uma exposição multimídia, a fim de dar visibilidade às histórias das mulheres da periferia contadas por elas mesmas. Uma das participantes do *Nós, mulheres da periferia*, Regiany Silva de Freitas (2018), desenvolveu sua dissertação de Mestrado no LAEL, sob minha orientação, possibilitando, de minha parte, uma maior compreensão das atividades desenvolvidas, não só no período 2015-2017, mas daquelas daí decorrentes, como o documentário *Nós, carolinas – vozes de mulheres da periferia* (2017)⁶.

Como pesquisadora e integrante do Coletivo, Regiany participou de todas as etapas do projeto (Programa VAI): realização de oficinas/rodas de conversa, gravação de uma série de entrevistas em vídeo e curadoria/edição de materiais audiovisuais para construção da exposição multimídia. Delimitou como objeto de análise entrevistas de algumas das mulheres que participaram das oficinas, com o objetivo de compreender como elas (re)constroem,

⁴ Missão depreendida do site do Coletivo: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br>. Acesso: 08/07/2016.

⁵ Disponível no site do Coletivo: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br>. Acesso: 15/09/2015.

⁶ Disponível no site do Coletivo: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br>. Acesso: 30/07/2018.

discursivamente, sua identidade na relação com outros discursos que circulam nos espaços públicos.

Interessei-me, particularmente, pelo objeto *exposição multimídia*, partindo de uma das características do método da autoconfrontação, segundo a qual o olhar do *outro* sobre atividades previamente desenvolvidas faz parte do processo de compreensão dos discursos que circulam em situação de trabalho (FAÏTA, 1995). Seguindo esse princípio, reuni textos que marcaram o percurso do Coletivo, entre eles, a proposta encaminhada ao Programa VAI, trechos de entrevista em vídeo (11:15') e áudio (54:45') realizadas com Freitas, e amostras do tratamento editorial da exposição, de cuja inauguração participei e cujas visitas subsequentes permitiram uma melhor apreensão desse objeto. Que ritos genéticos foram mobilizados desde a proposta ao Programa? Que procedimentos escriturais e não escriturais marcaram a atividade de trabalho do Coletivo no seu intuito de dar voz às mulheres da periferia? Qual seu percurso até a realização da exposição?

A proposta continha normas de diferentes naturezas: cronograma de atividades, descrição do orçamento, realização, em parceria com associações e escolas públicas, de rodas de conversa com grupos de mulheres negras, de baixa renda, das periferias de São Paulo. Essas atividades deveriam ser desenvolvidas em três momentos: (i) rodas de conversa/oficinas desencadeadas a partir de discursos da mídia – apresentação de trechos de novelas e de peças publicitárias – a fim de mobilizar esses grupos de mulheres a refletirem sobre a seguinte questão: *quem somos nós nos discursos da mídia?* (ii) exercícios de produção de textos, desenhos, fotos de pinturas sobre tela e sobre papel, a fim de responder à seguinte questão: *quem somos nós por nós mesmas?* (iii) entrevistas em vídeo com algumas dessas mulheres a fim de aprofundar o entendimento de questões tangenciadas nas etapas anteriores.

Sair da proposta escrita – isto é, das normas hierárquicas advindas da Secretaria Municipal e daquelas que constavam do projeto *Desconstruindo estereótipos: #eumulherdaperiferia* – para a atividade de trabalho, foi um processo de constantes renormalizações. A racionalidade de normas que antecipa todo agir social implica também a necessidade por parte de cada trabalhador/a, cada coletivo, de repensar suas escolhas na vida e no trabalho, de se situar, de uma maneira ou de outra, em um mundo de valores.

Considerando as necessidades do projeto, a natureza distinta das atividades, a concomitância de alguma delas e as habilidades e os interesses de cada integrante, o Coletivo formou uma rede de cooperação e se organizou em três subgrupos de trabalho: *secretaria*,

responsável por articular e agendar oficinas em parceria com associações e escolas públicas de cada comunidade-bairro; *procedimentos metodológicos*, responsável pela concepção das oficinas e do roteiro das entrevistas; e *recursos*, responsável pela aquisição de equipamentos e materiais imprescindíveis ao andamento do projeto e à realização da exposição: aparelhos fotográficos, telas, papéis, projetor, notebook etc.

Esses subgrupos – entendidos aqui como entidades coletivas relativamente pertinentes (ECRP), isto é, não dependentes de organogramas pré-definidos e cujas fronteiras são estabelecidas preferencialmente pela repartição de atividades em um dado momento (SCHWARTZ, 2010, p. 149) – atuavam simultaneamente e faziam reuniões periódicas via *Skype*, prática comum, já que o Coletivo, como grupo, não possui sede própria e quase todas as suas atividades de trabalho são realizadas remotamente, com comunicação predominantemente *on-line*.

Apesar das normas estabelecidas pelo próprio Coletivo, normas essas que funcionam como antecipação das tarefas, surgiram várias dificuldades relacionadas, seja a questões logísticas (dificuldade de transporte de equipamentos e materiais no transporte público, dado que as mulheres do Coletivo não têm condução própria; negociações de horário com as diferentes organizações), seja àquelas que decorrem da dinâmica e da interação dessas mulheres com as participantes de cada uma das oficinas. Esses imprevistos do trabalho implicaram várias renormalizações, tendo em vista os objetivos e as técnicas disponíveis: “utilizar uma técnica supõe, por um lado, seguir operações predefinidas e, por outro, uma certa reinvenção local” (SCHWARTZ, 2010, p.87).

“Foi no momento... no momento de fazer ... que era uma coisa muito nova para nós... que a gente se deu conta que fazer uma roda de conversa ... não era só conversar com elas... era preciso criar uma nova metodologia” (FREITAS).

A realização da exposição multimídia *Quem somos [por nós]*, objetivo primeiro e marca formal do encerramento do projeto, implicou, por parte do Coletivo, a curadoria dos diferentes materiais, a edição textual e audiovisual do conjunto de fotos, telas e textos produzidos nas oficinas e nas entrevistas em vídeo, a concepção da estrutura da instalação, adequada a receber os diversos materiais, “um conjunto que pudesse ser visto como uma obra artística ‘assinada’ pelas mulheres, cerca de noventa, que participaram das rodas de conversa” (FREITAS).

Finalmente, o retorno à comunidade se deu por meio de exposição aberta ao público no dia 21 de novembro de 2015, no Centro Cultural da Juventude Vila Nova Cachoeirinha, zona norte. Nesse dia, estavam presentes várias das mulheres, de diferentes idades, que participaram das oficinas. “Elas não estão nas capas de revistas de moda, nem ocupam posição de poder, mas querem que suas vozes sejam ouvidas”⁷.

Como esse evento foi apresentado, divulgado? Por meio de cartaz (Figura 1⁸), construído pelo rosto e pela fala de uma mulher negra: “A mídia não conta a minha história”. O nome próprio, Renata Ribeiro, localizado logo abaixo em letras maiúsculas, funciona também como uma assinatura, e não como uma simples designação. E a foto autentica a aforização de uma locutora como sendo *sua* fala, portadora de *valores*, aquela que vem da *sua* boca (MAINGUENEAU, 2014, p. 46).



Figura 1

No contexto da exposição, ao lado desse cartaz, constituído por uma frase “sem texto”, circularam outros enunciados destextualizados, textos, fotos e pinturas, trazendo as vozes dessas mulheres, depoimentos que representam a não aceitação, a rejeição da negritude em diferentes ambientes. Tais enunciados, destacados, constituem uma tomada de posição das enunciantoras a partir de seus próprios pontos de vista (Figura 2⁹). Os membros do Coletivo recortaram fragmentos de textos e das peças produzidas nas oficinas para convertê-los em frases “solitárias”, enunciados que compuseram a exposição: lambe-lambes, caixotes, vídeos...

⁷ Frase extraída de vídeo disponibilizado em: <http://www.youtube.com/watch?v=87Lv1RVMRi0>. Acesso: 08/07/2016.

⁸ Cartaz disponível em: <http://www.facebook.com/nosmulheresdaperiferia>. Acesso: 08/07/2016.

⁹ Imagem, exposta na exposição *Quem somos [por nós]*, extraída de vídeo disponibilizado em <https://www.youtube.com/watch?v=87Lv1RVMRi0>. Acesso: 08/07/2016.

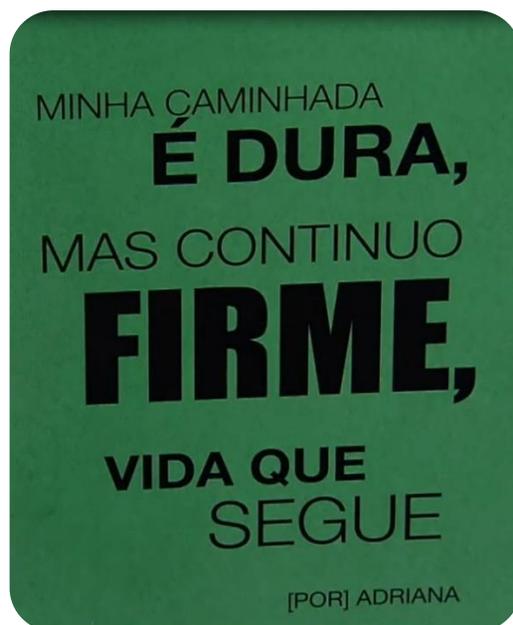


Figura 2

Enunciados como esses permitem apreender os discursos em circulação, um diálogo entre dois posicionamentos: de um lado, o desafio de fazer frente a uma sociedade racista, machista e socialmente desigual e, de outro, a irreverência e a força de sobreviver nesse meio, expressa nas pinturas em tela, autorretratos e textos que mostram mulheres que “arrumam tempo para o lazer” e “se produzem para impressionar no baile”. “São maioria. São minoria. Pretas, brancas, periféricas”. “São amor, doçura, fortaleza”¹⁰.

Quais os sentidos, os desdobramentos da exposição para as comunidades envolvidas? Do ponto de vista das mulheres que participaram das rodas de conversa/oficinas e criaram vários objetos semióticos, a exposição apresentou-se como um novo espaço de fala, de discursos produzidos por elas mesmas, habitantes da periferia.

“Eu penso que ... com este debate, com esta exposição, eu não estou só”
“Eu creio que esse espaço nos fortalece”¹¹

Do ponto de vista do Coletivo *Nós, mulheres da periferia*, as várias normas e renormalizações, constitutivas da atividade de trabalho, permitiram ao grupo ultrapassar seu

¹⁰ Frases extraídas do *Manifesto*, disponível no site do Coletivo: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br>. Acesso: 15/09/2015.

¹¹ Frases extraídas de vídeo disponibilizado em <https://www.youtube.com/watch?v=87Lv1RVMRi0>. Acesso: 08/07/2016.

funcionamento circunscrito a um campo estritamente virtual e aceder a espaços físicos e públicos, entre eles o Centro Cultural de Juventude, zona norte de São Paulo¹².

REFERÊNCIAS

ALGODOAL, Maria Juliana A. O. **As práticas de linguagem em situações de trabalho de operadores de telemarketing ativo de uma editora**. Tese (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

ANGERMULLER, Johannes; PHILIPPE, Gilles (Org.) **Analyse du Discours et dispositifs d'énonciation: autour des travaux de Dominique Maingueneau**. Limoges, França: Lambert-Lucas, 2015.

ANJOS, Joelma S. T. dos **Práticas de linguagem em situação de trabalho – chat: um novo gênero digital**. 158 p. Dissertação (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

FAÏTA, D. Dialogue entre expert et opérateur: contribution à la connaissance de l'activité par l'analyse des pratiques langagières. **Connexions**, v. 65, n. 1, p. 77-99, 1995.

FREITAS, Regiany S. de **Histórias de mulheres da periferia: construindo identidades discursivas de (re)existência**. 140 p. Dissertação (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. **Frases sem texto**. Tradução Sírio Possenti et alii. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Organização Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Cenas da enunciação**. Organização Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Genèse du discours**. Paris: Pierre Mardaga, 1984.

¹² O grupo continua atuando participando de novos Editais, de rodas de conversa e de produção de documentários

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade. **Domínios da Linguagem**, v. 12, p. 581-603, 2018.

OLIVEIRA, Rosemeyre M. de "É o dia de hoje que vai dizer o que tenho para fazer": análise discursiva do trabalho de enfermagem em um pronto-socorro público. 186 p. Dissertação (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

REQUENA, Maísa A. "Esse é o legítimo tá pessoal": o discurso dos vendedores informais em situação de trabalho. 68 p. Dissertação (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SALGADO, L. S. **Ritos genéticos editoriais**: autoria e textualização. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.

SCHWARTZ, Yves. Manifesto por um ergoengajamento. In: BENDASSOLLI, P.F.; SOBOLL, L.A.P. (Org.) **Clínicas do trabalho**: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Atlas, 2011. p. 132-166.

_____. Introdução II; Técnicas e competências. In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho e ergologia**: conversas sobre atividade humana. 2. ed. revista e ampliada. Tradução Jussara Brito, Milton Athayde et al. Niterói: EDUFF, 2010. p. 21-22; 85-102.

_____. **Travail et Philosophie**: convocations mutuelles. Toulouse-França : Octarès, 1992.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. Discursos das mulheres da periferia: o papel dos coletivos na contemporaneidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 18, n. 1, 2017, p. 69-81

SOUZA E SILVA, Maria Cecília P.; ROCHA, Décio. A linguagem nas relações de trabalho: a fala da operadora de telemarketing. In: XLVII Seminário do GEL, 1999, Bauru. **Estudos Linguísticos - XXVII Anais de Seminários do GEL**. São José do Rio Preto-SP: Editora da UNESP, v. XXVIII, 1999, p. 296-301.

LANGUAGE AND WORK IN A DISCURSIVE PERSPECTIVE: THEORETICAL-METHODOLOGICAL IMPLICATIONS

ABSTRACT: This article aims to articulate the relationships between language and work, mobilizing the theoretical-methodological framework of the Discourse Analysis of French tradition, more specifically, the contributions of Dominique Maingueneau, who, since the publication of his founding work *Genèses du discours* (1984), has been dealing, in his research, with the conception of discourse as discursive practice, a system of semantic coercions inseparable from socio-historical practices. Complementarily, we will use notions proposed by the ergologic approach, in the way it has been formalized by the philosopher Yves Schwartz (1992), whose object of study is the human activity of work. The intersection between the two perspectives is evoked in the last part of the article.

Key words: Discourse Analysis of French tradition; Ergologic approach; Language and work.

Envio: novembro/2019

Aceito para publicação: dezembro/2019

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267